

RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL E LOGÍSTICA REVERSA: A IMPLANTAÇÃO DE COLETA SELETIVA NAS CIDADES SEDE DA COPA DO MUNDO FIFA 2014 PELA COCA COLA BRASIL

ENI LEIDE CONCEIÇÃO SILVA

UNIESP

enisilvas@gmail.com

CLEITON SILVA

FACULDADE CAMPO LIMPO PAULISTA - FACCAMP

cleitonbilaly@hotmail.com

EMERSON WATANABE FURLANETI

emersonhelenahotmail.com

RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL E LOGÍSTICA REVERSA: A IMPLANTAÇÃO DE COLETA SELETIVA NAS CIDADES SEDE DA COPA DO MUNDO FIFA 2014 PELA COCA COLA BRASIL

SOCIAL AND ENVIRONMENTAL RESPONSIBILITY AND REVERSAL LOGISTICS: THE IMPLEMENTATION OF SELECTIVE COLLECTION IN THE CITIES HEADQUARTERS OF THE WORLD CUP 2014 BY COCA COLA BRASIL

Resumo

O objetivo do artigo é demonstrar a importância do alinhamento estratégico de ações de responsabilidade social e ambiental com a Política Nacional de Resíduos Sólidos que prevê a logística reversa como um instrumento de desenvolvimento econômico e social que visa à coleta e à restituição dos resíduos sólidos ao setor empresarial, para que estes possam ser reaproveitados de diversas maneiras ou retornem ao ciclo produtivo. Para isso, a empresa escolhida foi a Coca Cola Brasil, no país desde 1942, e tem uma das quatro maiores operações da The Coca-Cola. Em 2014, a Coca-Cola Brasil inaugurou Polos de Reciclagem nas 12 cidades-sede da Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014™, com intuito de gerar a valorização dos materiais recicláveis, impulsionando toda a cadeia de reciclagem no país. O novo programa faz parte da política de reciclagem do Sistema Coca-Cola Brasil, que, só no último, ano investiu cerca de R\$ 8 milhões em reciclagem. Com o propósito de atender aos objetivos da pesquisa, foi realizado um estudo de caso, a partir da pesquisa documental e de campo.

Palavras-chave: Coca Cola Brasil; Logística Reversa; Política Nacional de Resíduos Sólidos; Responsabilidade Socioambiental; Sustentabilidade

Abstract

The objective of this paper is to demonstrate the importance of the strategic alignment of social and environmental responsibility actions with the National Solid Waste Policy, which provides for reverse logistics as an instrument of economic and social development aimed at the collection and restitution of solid waste to the sector so that they can be reused in different ways or return to the productive cycle. For this, the company chosen was Coca Cola Brazil, in the country since 1942, and has one of the four largest operations of The Coca-Cola. In 2014, Coca-Cola Brasil inaugurated Recycling Poles in the 12 host cities of the 2014 FIFA World Cup Brazil™, with the aim of generating the appreciation of recyclable materials, driving the entire recycling chain in the country. The new program is part of the recycling policy of the Coca-Cola Brazil System, which in the last year alone invested around R \$ 8 million in recycling. In order to meet the research objectives, a case study was carried out, based on documentary and field research.

Keywords: Coca Cola Brazil; Reverse logistic; National Policy on Solid Waste; Social and Environmental Responsibility; Sustainability

1. Introdução

A adoção de práticas de responsabilidade sociais e ambientais no cerne das empresas tem contribuído para o desenvolvimento sustentável, principalmente no Brasil. De tal modo que várias delas já incorporaram o conceito em suas estratégias de negócios.

Por outro lado, a consciência ecológica do consumidor tem aumentado, motivo pelo qual, o faz mais exigente e o deixa mais atento na atuação das empresas. Vale destacar que a pressão dos grupos ativistas e da sociedade também exercem forte influência na condução de políticas que minimizem os impactos ambientais e assegurem os direitos sociais e humanos.

Oliveira (2008, p.26), avalia que “hoje, a agenda ambiental está bastante complexa, com vários problemas ambientais cada vez mais interrelacionados. Além disso, novos problemas têm aparecido na agenda a cada dia, como a questão dos oceanos e dos poluentes orgânicos persistentes (POPs), que são químicos cumulativos com alto período de biodegradação e que possivelmente têm impactos negativos na saúde humana e animal”.

De modo que a responsabilidade social e ambiental vem gradativamente ganhando espaço na estrutura corporativa e estimulando novos estudos sobre o tema, no universo acadêmico.

A proposta do artigo é demonstrar como o alinhamento estratégico de ações de responsabilidade social e ambiental com a Política Nacional de Resíduos Sólidos que prevê a logística reversa pode ser um instrumento de desenvolvimento econômico e social que visa à coleta e à restituição dos resíduos sólidos ao setor empresarial, para que estes possam ser reaproveitados de diversas maneiras ou retornem ao ciclo produtivo.

Para isso, a empresa escolhida foi a Coca Cola Brasil, no país desde 1942, e tem uma das quatro maiores operações da The Coca-Cola Company. A companhia apresenta uma linha de bebidas não alcoólicas com mais de 3.500 produtos. O Sistema Coca-Cola Brasil é formado pela Coca-Cola Brasil, 10 fabricantes regionais e a Leão Alimentos e Bebidas. Ao todo, são 46 fábricas localizadas em todas as regiões do país. São 35 fábricas de refrigerantes, três de chás, duas de sucos, uma de concentrados e cinco de água mineral.

Em 2014, a Coca-Cola Brasil inaugurou Polos de Reciclagem nas 12 cidades-sede da Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014™, com intuito de gerar a valorização dos materiais recicláveis, impulsionando toda a cadeia de reciclagem no país. O novo programa faz parte da política de reciclagem do Sistema Coca-Cola Brasil, que, só no último, ano investiu cerca de R\$ 8 milhões em reciclagem.

1.1 Objetivos

Demonstrar o alinhamento estratégico de ações de responsabilidade social e ambiental com a Política Nacional de Resíduos Sólidos que prevê a logística reversa como um instrumento de desenvolvimento econômico e social que visa à coleta e à restituição dos resíduos sólidos ao setor empresarial, para que estes possam ser reaproveitados de diversas maneiras ou retornem ao ciclo produtivo.

2. Referencial Teórico

2.1 Responsabilidade Socioambiental Corporativa

Após a Segunda Guerra Mundial, “as grandes potências da época (os chamados países desenvolvidos hoje) reorganizaram suas economias e seus parques industriais. Muitos deles voltaram a crescer a taxas significativas e a ter produções industriais invejáveis”, observa Oliveira (2008, p.18).

“Para o crescimento do padrão material da população foram necessárias várias transformações, como, por exemplo, aumentar o número e tamanho das fábricas e a quantidade de veículos, e até mesmo dar um salto de produção na agricultura com a revolução verde. Isso teve como consequência a criação de vários problemas ambientais, especialmente nos grandes centros urbanos com a poluição do ar e da água e a contaminação dos solos” (OLIVEIRA 2008, p. 18).

Com o crescimento da degradação ambiental, iniciam vários protestos. “Intelectuais escreviam livros alertando sobre os problemas ambientais, como o célebre livro Primavera Silenciosa de Rachel, em 1962. Nele a autora alertava sobre o desaparecimento dos pássaros com a destruição de seus habitats pela expansão da revolução verde. A cada primavera que ia ao campo, ela via que existiam menos pássaros cantando, até que se silenciaram”, enfatiza Oliveira (2008, p.18).

Para Oliveira (2008, p.19) “a partir da década de 1960, começou-se a perceber uma grande transformação na economia dos países desenvolvidos, Seria uma nova revolução, comparável à Revolução Industrial. Alguns pensadores, como Alvin Toffler (1980), chamaram essa transformação de A Terceira Onda. Mudanças aconteceram no âmbito da economia e têm tido impactos nos âmbitos social, tecnológico e ambiental”. A passagem da Era Industrial para a Era Pós-Industrial está ilustrada no quadro 1, a seguir:

Quadro 1: Passagem da Era Industrial para a Era Pós-Industrial

ERA INDUSTRIAL	ERA PÓS-INDUSTRIAL
<i>MODERNO</i>	<i>PÓS-MODERNO</i>
Sociedade Industrial Mecanizada Bens Materiais	Sociedade de Serviços Tecnologia da Informação (TI) Informação
Gigantismo Gerencial Padronização Especialização Hierarquizado	Decisões Descentralizadas Flexibilidade Generalidade Redes Organizacionais
Capital Físico	Capital Natural, Social, humano, intelectual
Público-Privado	ONGs, parcerias

Fonte: Oliveira, 2008

Em 1972 com o objetivo de incentivar a busca de soluções para os problemas ambientais, a ONU (Organização das Nações Unidas) organizou a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente em Estocolmo. “Uma das principais contribuições foi vincular a questão ambiental à social”, destaca Barbieri (2009, p.65).

Com o propósito de analisar as causas e consequências dos problemas

ambientais e suas soluções foi criada a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento ou Comissão *Brundtland*, em referência a *Gro Harlem Brundtland* (ex-primeira Ministra da Noruega), que chefiou a comissão formada por mais de 40 especialistas de diversos países, incluindo o Brasil, representado por Paulo Nogueira Neto.

Após vários anos de estudos e debates, a comissão chegou às suas conclusões finais, publicadas em 1987, como “Nosso Futuro Comum” – Relatório Brundtland’. De acordo com Oliveira (2008, p.23) “os resultados da Comissão Brundtland levaram a visões diferentes daquelas de Estocolmo-72. Primeiro, crescimento econômico e proteção ambiental não são incompatíveis e podem acontecer ao mesmo tempo. Isso é hoje chamado de ecoeficiência ou ecoeficácia. Segundo, a pobreza e as questões sociais, e não só as econômicas, devem ser incorporadas ao debate ambiental. Terceiro, devemos levar em conta nas consequências das nossas ações não só a geração atual, mas também as gerações futuras, que podem ser afetadas de forma mais contundente pelos problemas ambientais”.

Em sua análise, Oliveira (2008, p.26), avalia que “hoje, a agenda ambiental está bastante complexa, com vários problemas ambientais cada vez mais interrelacionados. Além disso, novos problemas têm aparecido na agenda a cada dia, como a questão dos oceanos e dos poluentes orgânicos persistentes (POPs), que são químicos cumulativos com alto período de biodegradação e que possivelmente têm impactos negativos na saúde humana e animal”.

Aliado às questões socioambientais, Dias (2012, p.2) afirma que as principais tendências que redefiniram as funções do cidadão, da sociedade e das empresas foram: “a aceleração do processo de inovação tecnológica, a intensificação da globalização e os processos de reformulação do papel do Estado”.

Na sua conclusão, Dias (2012, p. 5), afirma que “todas essas mudanças estão tendo uma influência cada vez maior na expansão da ideia de responsabilidade social empresarial”. O que faz com que a sustentabilidade se torne “cada vez mais competitiva”, enfatiza Dias (2012, p.5).

Dias (2012, p. 5) explica que

“o verdadeiro motor da responsabilidade social nos últimos anos é que muitas empresas compreenderam que suas estratégias de competitividade num ambiente global não podem se basear na degradação ambiental, nem no desrespeito às cláusulas sociais, nem na resistência ao cumprimento de normas internacionais em matéria de direitos humanos, mas que ao contrário, é o atendimento das exigências da sociedade o que incrementa a competitividade, pois incorpora padrões de excelência que cada vez mais são levados em consideração pelos consumidores reforçando junto a esses setores sua reputação corporativa, ativo intangível que não pode ser replicado por seus concorrentes”(DIAS 2012, p. 5).

Em 1979, Carrol definiu o que vem a ser responsabilidade social empresarial, em um de seus artigos, que continua válida e uma das mais citadas pelos especialistas e estudiosos do tema. Para Carrol (1979, p. 500) apud Barbieri e Cajazeira (2012, p. 53),” responsabilidade social das empresas compreende as expectativas econômicas, legais, éticas e discricionárias que a sociedade tem em relação às organizações em dado período”.

Na Figura 1, a seguir a Pirâmide de Responsabilidade Social de Carroll.

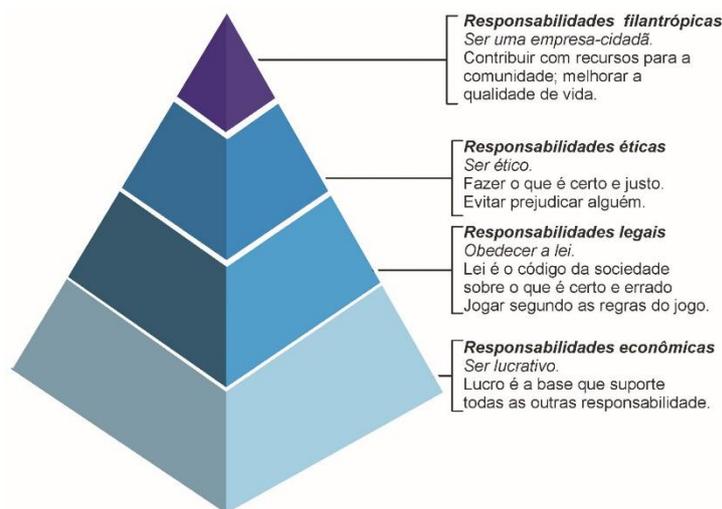


Figura 1: Pirâmide de Responsabilidade Social de Carrol

Fonte: Adaptado de Carrol, 1999

As principais abordagens sobre responsabilidade social empresarial, de acordo com Dias (2012, p. 20) são as de Friedman (1970) que “afirmava que a única responsabilidade das empresas era com os negócios”. A segunda abordagem é a de Carrol (1979) “é aquela que entende que a principal responsabilidade da empresa é a econômica, e somente quando satisfeita esta pode se envolver no âmbito social e ambiental”. A terceira abordagem é a dos *stakeholders*, defendida por Freeman (1984), Donaldson e Preston (1995), Mitchel, Agle e Wood (1997) e Davenport (1998), que considera “a empresa como uma organização fundamentalmente social, com várias responsabilidades econômicas, sociais e ambientais com diversos *stakeholders* tanto internos como externos à empresa”.

Conforme Dias (2012, p. 20), a proposta atual de RS (Responsabilidade Social) está alinhada com a terceira abordagem e culminou com o texto da ISO 26000, no qual diz que a “Responsabilidade Social é a responsabilidade de uma organização pelos impactos de suas decisões e atividades na sociedade e no meio ambiente, por meio de comportamento transparente e ético”.

2.1.1 Benefícios da Responsabilidade Socioambiental para as Empresas

Dias (2012, p.80) salienta que a viabilidade econômico-financeira é uma das maiores preocupações dos empresários para a implantação da gestão estratégica de Responsabilidade Socioambiental. No entanto, “as frequentes pressões para que as empresas melhorem o seu desempenho social e ambiental, principalmente no mercado internacional”, conforme Dias (2012, p.80) tem levado as empresas a adotarem um posicionamento sobre a Responsabilidade Socioambiental.

“A tendência de comunicar o desempenho social e ambiental por parte das empresas torna-se cada vez mais importante, contribuindo para tornar a transparência e a prestação de contas uma prática sem a qual as empresas tendem a perder respeitabilidade, ou no mínimo passível de dúvidas quanto a sua idoneidade” (DIAS, 2012, p.81).

Investir em gestão estratégica de Responsabilidade social e ambiental, traz vários benefícios para a empresa, com os quais concordam os diversos organismos e entidades promotoras da RS (ONU, OECD e Banco Mundial), como destaca Dias (2012, p.82). Os principais benefícios resultantes da adoção de práticas social e ambientalmente responsáveis são:

- a) Promove a criação de novas oportunidade de negócios;
- b) Permite atrair e reter investimentos e parceiros comerciais de qualidade;
- c) Permite atrair e reter colaboradores de qualidade;
- d) Evita perdas irreparáveis;
- e) Melhora a imagem das marcas;
- f) Fortalece a reputação corporativa;
- g) Permite administrar melhor os riscos potenciais do negócio;
- h) Gera operações mais eficientes;
- i) Incrementa as vendas e a fidelidade do cliente;
- j) Melhora a sua relação com as autoridades governamentais.

Para Dias (2012, p.89), a adoção de práticas de Responsabilidade Social e Ambiental “contribui para que as empresas reflitam sobre as consequências de suas ações, porque os fatos têm demonstrado que uma gestão não responsável pode levar a um alto custo econômico e comprometer seriamente a imagem e até a sobrevivência da empresa”.

2.2 Política Nacional de Resíduos Sólidos e Logística Reversa

2.2.1 A Política Nacional de Resíduos Sólidos

O rápido avanço do processo de crescimento da população nos grandes centros, de modo particular, no Brasil que já conta com mais de 80% das pessoas vivendo em áreas urbanas, observa-se que “as infraestruturas e os serviços não acompanharam o ritmo de crescimento das cidades”, conforme destaca a Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo (2014, p.10).

“Os impactos do manejo inadequado de resíduos sólidos e da limpeza urbana deficiente são enormes sobre o dia a dia da população, quer seja em relação à saúde pública e à qualidade ambiental, quer seja em relação aos aspectos estéticos e de turismo” (SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE DO ESTADO DE SÃO PAULO 2014, p.10).

Vale destacar que como fator agravante, “o manejo inadequado dos resíduos sólidos, desde a geração até a destinação final (por exemplo, em lixões a céu aberto ou até em cursos d’água), pode resultar em riscos ambientais, sociais, econômicos e à saúde pública, de acordo com a Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo (2014, p.10).

No intuito de enfrentar essa questão, os Governos Federal, Estadual e Municipal têm formulado políticas e adotado práticas de gestão com vistas à prevenção e ao controle da poluição, à proteção e à recuperação da qualidade ambiental e à promoção da saúde.

Entre as políticas públicas, destacamos a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), Lei no. 12.305, de 02 de agosto de 2010, após mais de 20 anos de discussão no Congresso Nacional.

A Lei no. 12.305 foi regulamentada pelo Decreto no. 7.404, de 23 de dezembro de 2010 e apresenta vários pontos importantes para a gestão e o gerenciamento de

resíduos sólidos no Brasil. Entre as exigências da Lei está a extinção dos lixões até 2014, a disposição final ambientalmente adequada somente dos rejeitos (resíduos que não podem ser reutilizados ou reciclados) em aterros. A PNRS prevê a expansão da coleta seletiva de materiais recicláveis com a inserção prioritária das cooperativas ou associações de catadores (formadas por pessoas físicas de baixa renda, dispensando-se a licitação para a sua contratação).

A Política Nacional de Resíduos Sólidos tem também como objetivo da responsabilidade compartilhada pelo ciclo de vida do produto entre fabricantes, importadores, distribuidores e comerciantes e titulares de serviços públicos de limpeza urbana e de manejo de resíduos sólidos, “cada um com a sua parcela de participação no processo, desde a obtenção da matéria prima até o seu correto descarte após o uso” (SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE DO ESTADO DE SÃO PAULO 2014, p.11).

De modo que nesse contexto está inserida a logística reversa, que segundo a Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo (2014, p.11) trata-se de um instrumento de desenvolvimento econômico e social que visa à coleta e à restituição dos resíduos sólidos ao setor empresarial, para que estes possam ser reaproveitados de diversas maneiras ou retornem ao ciclo produtivo.

2.2.2 Logística Reversa

A logística reversa é um instrumento de desenvolvimento socioeconômico e de gerenciamento ambiental, caracterizado por um conjunto de ações, procedimentos e meios, destinados a facilitar a coleta e restituição de resíduos sólidos aos seus produtores, para que sejam tratados ou reaproveitados, na forma de insumos, em seu ciclo ou em outros ciclos produtivos, visando a não geração de rejeitos.

Os produtos que se enquadram na logística reversa, a princípio são:

- Resíduos e embalagens de agrotóxicos;
- Pilhas e baterias;
- Pneus;
- Resíduos e embalagens de óleos lubrificantes;
- Lâmpadas fluorescentes, de vapor de sódio, mercúrio e luz mista;
- Produtos eletroeletrônicos e seus componentes;
- Embalagens em geral.

A Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo (2014, p.12), lembra que “a logística reversa pode ser estendida a outros produtos e embalagens que não estão citados na lista acima, quando for detectado risco à saúde ou ao meio ambiente”.

No Estado de São Paulo, a logística reversa tem sido um importante instrumento utilizado por diversos setores produtivos, estando contido na responsabilidade pós consumo, como explica Ribeiro (2012) apud SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE DO ESTADO DE SÃO PAULO (2014, p.28).

“Importante ressaltar que ao se discutir este conceito não se está apenas tratando da logística reversa. Enquanto esta [logística reversa] diz respeito apenas ao retorno dos materiais ao ciclo produtivo, a responsabilidade pós consumo vai além – pois enquanto estratégia regulatória traz exigências que se traduzem em sinalizações econômicas aos mercados, que se espera induzam investimentos em inovação no projeto (*ecodesign*), redução de embalagens e otimização dos sistemas de distribuição, promovendo a prevenção da geração de resíduos, foco inicial da hierarquia de sua gestão. Na verdade, admite-se que a logística reversa é apenas uma das formas de se exercer a responsabilidade pós consumo, essencial naqueles casos em que não hoive meios de se evitar a geração de resíduos” RIBEIRO (2012) apud SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE DO ESTADO DE SÃO PAULO

(2014, p.28).

De acordo com Leite (2003) apud Silva e Leite (2012) , a “Logística Reversa pode ser entendida como uma área que visa planejar, controlar e operacionalizar estes fluxos reversos de produtos não consumidos (pós-venda) ou de produtos já consumidos (pós-consumo)”.

“O aspecto estratégico mais recentemente passou a ser relacionado à crescente preocupação com a sustentabilidade e com imagem empresarial, o que garante à Logística reversa uma posição na reflexão estratégica empresarial em empresas contemporâneas (CARTER e ELLRAM, 1998; DAUGHERTY, 2004; DE BRITO, 2004; DOWLATSHAHI, 2005; KOPICKI et al, 1993; LANGMAN, 2001; ROGERS e TIBBENLEMBKE, 2001 apud SILVA e LEITE, 2012)”.

Com a logística reversa as empresas podem obter matéria prima com menor impacto ambiental, mediante a reciclagem, como afirmam Rogers e Tibben-Lembke (1999) apud Braga Júnior et al (2009, p. 67) “o reuso destes materiais pela indústria abriu um mercado secundário, um espaço para a atuação do varejo na alocação dos materiais descartados pelo consumidor final e que teriam o lixo como destino final”.

A figura 2, demonstra como “o volume de lixo produzido nos varejos supermercadistas, principalmente com o papelão e o plástico, poderia ser reduzido com a venda destes produtos para o mercado secundário e, como consequência, ter a contribuição da empresa na redução do impacto ambiental local” (BRAGA JUNIOR et al 2009, p.67).

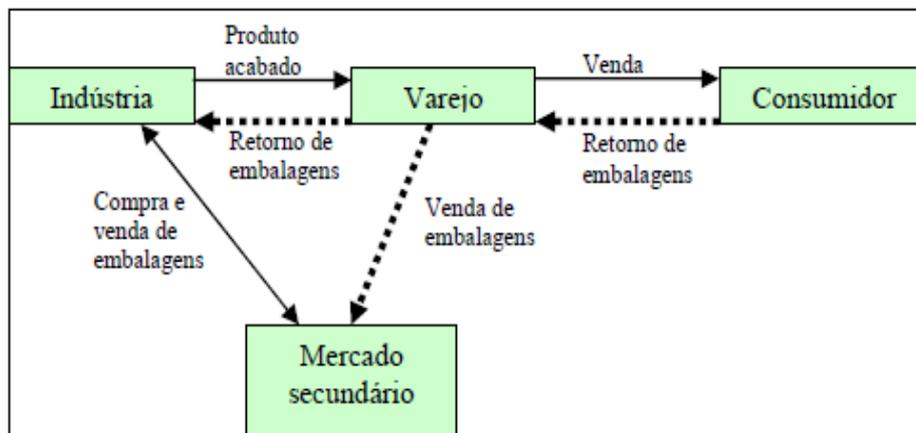


Figura 2 – Fluxo de retorno e mercado secundário

Fonte: Adaptado de Rogers e Tibben-Lembke , 1999

Para Silva e Leite (2009), a logística reversa

“deve ser considerada como uma nova área de estudos que envolve diversas outras áreas de conhecimento e que ultrapassa a simples visão pura e operacional, para influir na estratégia empresarial com o objetivo de atender as necessidades de diversos públicos interessados, por exemplo, os seus acionistas, a sociedade, o governo e os seus funcionários”.

O Quadro 2, a seguir tem o propósito de apresentar uma síntese das contribuições dos principais autores sobre os direcionadores de logística reversa.

Quadro 2: - Direcionadores (drivers) estratégicos segundo seus autores

Autor	Direcionadores (drivers) de Logística Reversa
Kopicki et al. (1993)	Legislações regulatórias, funcionários e pressões da sociedade.
Fuller e Allen (1995)	Comprometimento da sociedade com preceitos ecológicos; aumento dos custos ambientais nos negócios; o clima político-legal regulatório; os avanços em tecnologia e desenho de produtos; localização adequada da origem e destino dos produtos de retorno.
Stock (1998)	Redução de custos nas operações e nos custos dos serviços aos clientes; legislações; responsabilidade social.
Leite (1999)	Fatores econômicos; tecnológicos; governamentais; ecológicos e fatores logísticos
Rogers e Tibben-Lembke (1999)	Cidadania corporativa; obrigações legais; motivação econômica.
Dowlatshahi (2000)	Custos; qualidade; serviço aos clientes; meio ambiente; legislações
Leite (2003)	Fatores econômicos, tecnológicos e logísticos e fatores modificadores legislativos e ecológicos.
De Brito (2004)	Drivers econômicos; legislativos; cidadania corporativa
Fleischman (2001)	Drivers econômicos, marketing e legais. Aspectos de proteção de ativos e prestação de serviços.

Fonte: Adaptado de Leite, 2006

3. Metodologia

As novas descobertas pelo homem na área do conhecimento estão relacionadas a quatro tipos de conhecimento, conforme Martins e Theóphilo (2009, p.01), são eles: o conhecimento vulgar ou senso comum, o conhecimento filosófico, o conhecimento teológico e o conhecimento científico.

No caso específico, o conhecimento produzido está diretamente relacionado ao campo do conhecimento científico, pois resultará de investigação metódica e sistemática da realidade.

Conforme Martins e Theóphilo (2009, p.142), “a análise dos dados em pesquisas qualitativas consiste em três atividades iterativas e contínuas”: Redução de dados, apresentação de dados e delineamento e busca de conclusões.

Para atender aos propósitos da pesquisa, elegeu-se o estudo de caso, pois conforme Yin (2005, p.13), “é uma investigação empírica que investiga um fenômeno no seu ambiente natural, quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são bem definidas (...) em que múltiplas fontes de evidência são usadas”.

Trata-se de uma a estratégia de investigação mais adequada quando se quer saber o “como” e o “porquê” de acontecimentos atuais sobre os quais o pesquisador tem pouco ou nenhum controle” (YIN, 2005, p. 9).

O levantamento das informações foi realizado mediante pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, como a visita técnica em cooperativas de catadores de materiais recicláveis.

Após a coleta de informações foi feita uma análise com base nas contribuições teóricas.

4. Apresentação e Análise dos Resultados

4.1 Caracterização da empresa

A Coca-Cola Brasil é o nome fantasia da Recofarma Indústria do Amazonas Ltda, a empresa está no Brasil desde 1942 e tem uma das quatro maiores operações da *The Coca-Cola Company*, que está presente em mais de 200 países e oferece uma linha de bebidas não alcoólicas com mais de 3.500 produtos, de acordo com o Relatório de Sustentabilidade (2016).

O sistema da companhia é formado pela Coca-Cola Brasil, 10 fabricantes regionais e a Leão Alimentos e Bebidas. O Sistema possui cerca de 62,6 mil e 42 fábricas localizadas em todas as regiões do país. São 35 fábricas de refrigerantes, três de chás, duas de sucos, uma de concentrados e cinco de água mineral. Além disso, dispõe de uma processadora de polpa (Top Brasil em Linhares). O concentrado usado para fazer a Coca-Cola é produzido na Recofarma, em Manaus (AM).

A sede da empresa fica no Rio de Janeiro, localizada na Praia de Botafogo. Para dar apoio à operação nacional, existem ainda escritórios regionais nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Fortaleza, Brasília, Curitiba e Porto Alegre.

Missão: Inspirar momentos de otimismo, por meio de nossas marcas e ações.

Valores:

Paixão: Comprometidos de corpo e alma, é preciso criar oportunidades, ter sede de fazer sempre mais e realizar;

Liderança: Como líderes, é preciso ter a coragem de construir um futuro melhor, meta que será alcançada fazendo a diferença como empresa global, com decisões e inspiração certas e influenciando aqueles com quem se relaciona;

Integridade: Ser íntegro significa ser verdadeiro: dizer o que pensa, fazer o que diz e agir corretamente;

Qualidade: Não há limites para atingir a excelência nas atividades;

Colaboração: Crença na força da participação e, por isso, promover o talento coletivo;

Inovação: Buscar, imaginar, criar, divertir: esse é o caminho para a inovação;

Diversidade: Ter uma força de trabalho tão diversa quanto os mercados que são atendidos, e criar oportunidades para alcançar esse objetivo;

Responsabilidade: Ter vocação para agir e honrar os compromissos.

Durante os Jogos Olímpicos Rio 2016, que aconteceram, em agosto, no Rio de Janeiro, a Coca-Cola Brasil aderiu ao movimento Rio+B. A iniciativa, promovida pelo Sistema B, conta com a parceria da Prefeitura do Rio de Janeiro, por meio do Rio Resiliente, e com a Ellen MacArthur Foundation, a BMW Foundation e o Banco de Desenvolvimento da América Latina (CAF), entre outras organizações. Seu objetivo é engajar o setor privado na agenda de sustentabilidade da cidade, por meio dos negócios.

As empresas participantes se comprometem a avaliar seu próprio impacto socioambiental e a convidar sua cadeia de fornecedores a também fazê-lo.

4.2 Responsabilidade Socioambiental na Coca-Cola Brasil e a Logística Reversa

A empresa é signatária da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, com 17 objetivos e 169 metas, proposta pelas Nações Unidas e acordada pelos 193 estados-membros da ONU. Para atender aos objetivos do Desenvolvimento Sustentável, a companhia por sua alta capilaridade e escala, capacidade de buscar soluções inovadoras, pelos investimentos que realizam em pesquisa e desenvolvimento e nas práticas que implementam, adotou a estratégia de valor compartilhado, o qual envolve toda a sua cadeia produtiva e o relacionamento com os seus *stakeholders*.

O Instituto Coca Cola Brasil é o braço socioambiental da empresa e em 2016 completou 18 anos de atuação.

Em 2016, as ações sociais realizadas pelos fabricantes do Sistema Coca-Cola Brasil cobriram 100% das regiões onde atuamos e impactaram 186 mil pessoas, sendo que os projetos da Plataforma Coletivo beneficiaram 44,6 mil. Do total de fabricantes, 100% realizaram projetos com o envolvimento das comunidades, 70% apresentaram programas de engajamentos e 20% desenvolveram ações de avaliação de impacto. Da geração de renda a capacitações, passando por programas de educação ambiental e inclusão social, várias foram as iniciativas desenvolvidas.

No que diz respeito as embalagens plásticas, a empresa mantém ações de inovação e o redesenho das embalagens, novas oportunidades de reuso e aumento da reciclagem. De 2008 a 2016, a Coca Cola reduziu a gramatura das embalagens PET em 17%, como pode ser observado na Figura 3, a seguir.

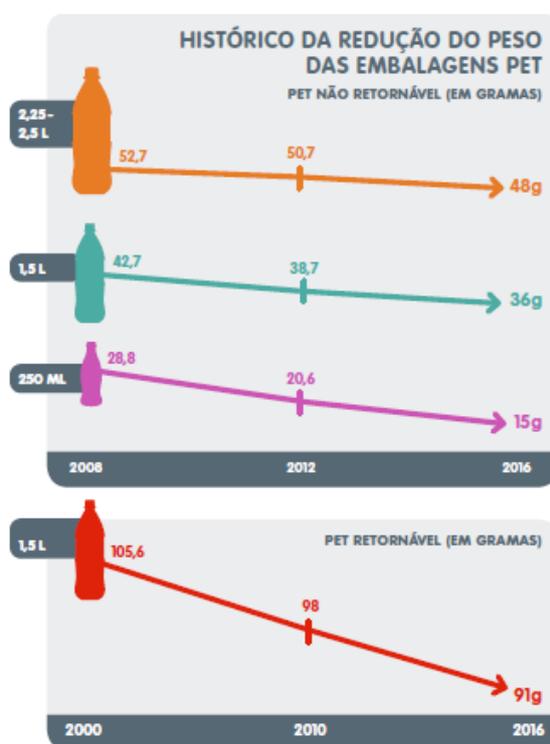


Figura 3 – Histórico da redução do peso das embalagens PET (PET não retornável em grama)

Fonte: Coca Cola Brasil, 2016

O uso de material reciclado como fonte de matéria-prima está incorporado no processo de produção das embalagens de alumínio e de vidro. Mais de 60% da composição de novas latas de alumínio e de garrafas de vidro é proveniente de embalagens recicladas. Ambas representam juntas 31% do volume de material colocado no mercado, anualmente.

Conforme a empresa, a resina de PET pós-consumo é mais desafiadora. Questões tributárias e de disponibilidade de matéria-prima, acarretam um custo sobre à resina reciclada pós-consumo, em comparação à resina virgem, tornando o uso desse material, economicamente inviável em algumas operações. A tecnologia de reciclagem desse material para alimentos e bebidas é mais recente e a cadeia está em construção. Hoje, por exemplo, de acordo com as informações da empresa, somente uma fábrica de

resina de PET reciclada homologada pela Coca-Cola Brasil. Duas fornecedoras encontram-se em processo de homologação. Com isso, nas embalagens que contém conteúdo reciclado, este pode representar 10% da composição, afirmou a companhia.

4.3 Implantação de sistemas de coleta seletiva nas cidades sede da Copa do Mundo FIFA 2014.

De acordo com a empresa mais de 10 mil catadores de 700 cooperativas de todo o país participam do Coletivo Reciclagem, que promove inclusão social dos catadores a partir do empoderamento e da melhoria de suas condições de trabalho. Eles recebem apoio de gestão, investimento em infraestrutura e capacitação. O programa une as expertises desenvolvidas pelo Instituto Coca-Cola Brasil na operação social da plataforma de valor compartilhado à experiência da ONG Doe Seu Lixo, que desde 1996 atuam juntos para que o país seja um dos mais eficientes na reciclagem de materiais.

Em parceria com o Instituto Coca Cola Brasil, a empresa implantou o sistema de coleta seletiva com a inclusão dos catadores nas cidades sede da Copa do Mundo FIFA, em 2014 no Brasil. A coleta seletiva de lixo, aqui é entendida como

“um sistema de recolhimento de materiais recicláveis, tais como papéis, plásticos, vidros, metais e orgânicos, previamente separados na fonte geradora. Estes materiais, após um pré-beneficiamento, são vendidos às indústrias recicladoras ou aos sucateiros. O sistema de coleta seletiva de resíduos urbanos pode ser implantado em bairros residenciais, escolas, escritórios, centros comerciais ou outros locais que facilitem a coleta de materiais recicláveis. Contudo, é importante que o serviço de limpeza pública do município esteja integrado a este projeto, pois dessa forma os resultados serão mais expressivos” (COCA-COLA BRASIL, 2015).

A seguir os dados da implantação da coleta seletiva na cidade de São Paulo realizada pela Coca Cola Brasil. De acordo com o relatório da empresa (2015), “a capital mais populosa e industrializada do país recicla menos de 2% do lixo que produz. Para uma metrópole do porte de São Paulo e municípios do entorno, onde vivem 20 milhões de habitantes, a ampliação da coleta é estratégica para o aumento da escala da reciclagem no país e para o desenvolvimento de uma cadeia econômica de viés social e ambiental”.

O projeto envolveu as seguintes cooperativas na cidade de São Paulo: Cooperativa Crescer, Cooperativa Sem Fronteiras, Cooperativa Central Tietê, Coopamare, Coopere-Centro, Recicla Butantã, Coopercaps, Cooperativa Nova Esperança Projeto Pantanal, Cooperativa Granja Julieta, Cooper Glicério e 418 catadores.

Para Mansur e Silva (2015, p.147)

“o trabalho dos catadores e das catadoras impede que toneladas de resíduos sólidos tenham como destino o aterro sanitário, contribui para a minimização dos impactos ambientais, gera renda, inclusão e cidadania para milhares de pessoas na cidade de São Paulo”.

A Cooperativa Polo Cooperleste, recebeu parte dos materiais recicláveis coletados na Arena Corinthians, além de fazer parte da coleta seletiva do município de São Paulo, como pode ser observado na Figura 4, a seguir.



Figura 4: Cooperativa Polo Cooperleste

Fonte: Coca Cola Brasil, 2014

Segundo a empresa, todas as Cooperativas Polo estarão integradas ao programa Coletivo Reciclagem, que oferece capacitação técnica, equipamentos, atuações de impacto na autoestima dos catadores, acesso ao mercado e trabalho em rede. Cerca de 400 cooperativas são apoiadas em todo o território nacional por meio da plataforma Coletivo Coca-Cola, impactando 12 mil pessoas e com triagem de 15 mil toneladas por mês de material reciclável. O objetivo é profissionalizar as cooperativas de modo incluí-las na cadeia de valor, gerando renda justa aos catadores e proporcionando uma cadeia de reciclagem mais formalizada e funcional.

A previsão é que cada Cooperativa Polo tenha equipamentos e logística que permitam triar mais de 1.800 toneladas, em seu potencial máximo, de materiais recicláveis por ano. A quantidade pode ser até três vezes maior do que a média processada pelas centrais espalhadas pelo Brasil. A renda dos catadores também pode triplicar e chegar até R\$2 mil (mês) por pessoa, impactando cerca de duas mil pessoas direta e indiretamente.

Para desenvolver uma metodologia de excelência, com máxima eficiência em todas as cidades-sedes, a Coca-Cola Brasil elaborou uma estratégia para cada tipo e tamanho de cooperativa. Os investimentos englobam treinamento educacional para os cooperados, melhora no fluxo de produção, novos equipamentos, aumento da venda e formalização dos catadores.

As novas Cooperativas Polo fazem parte dos esforços da Coca-Cola Brasil e seus fabricantes em prol da reciclagem, um dos legados da empresa para a Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014™. Em parceria com a FIFA e com o Comitê Organizador Local (COL), a Coca-Cola Brasil foi a responsável também pela ação de gerenciamento de resíduos sólidos da Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014™. A ação, que teve como teste a Copa das Confederações da FIFA 2013, quando 70 toneladas de material foram destinadas à indústria de transformação. Para garantir a excelência do projeto, a empresa treinou toda a equipe de catadores que trabalhou durante os jogos, realizando o Treinamento para Gestão de Resíduos nos Estádios da Copa do Mundo da FIFA™. Ao todo, serão 840 catadores capacitados.

Nas Figuras 5 e 6, imagens do treinamento dos catadores que aconteceu nas doze cidades sedes da Copa 2014.



Figura 5: Treinamento dos catadores

Fonte: Coca Cola Brasil, 2014



Figura 6: Treinamento dos catadores

Fonte: Coca Cola Brasil, 2014

Durante a Copa do Mundo, todo o material reciclável produzido nos estádios foi coletado e encaminhado para as cooperativas apoiadas pela Coca-Cola Brasil participantes do Coletivo Reciclagem. A estimativa é que foram produzidas cinco toneladas de resíduos passíveis de reciclagem a cada partida da Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014™. As cooperativas polo fizeram parte desse processo recebendo parte do material reciclável oriunda da coleta dos estádios.

5. Considerações Finais

Como pode ser observado a Responsabilidade Social e Ambiental vem ao longo do tempo ampliando o seu espaço dentro do universo corporativo e se transformando em um dos direcionadores da estratégia empresarial. Seja em função das exigências do consumidor ou por imposição de novas legislações.

A empresa objeto de estudo, atua no País desde 1942 e é composto pela Coca-Cola Brasil, 10 fabricantes regionais e a Leão Alimentos e Bebidas. O Sistema possui cerca de 69 mil colaboradores diretos e gera mais de 600 mil empregos indiretos. Ao todo, são 46 fábricas localizadas em todas as regiões do país. São 35 fábricas de refrigerantes, três de chás, duas de sucos, uma de concentrados e cinco de água mineral. Além disso, dispõe de uma processadora de polpa (Top Brasil em Linhares). O concentrado usado para fazer a Coca-Cola é produzido na Recofarma, em Manaus (AM).

Para minimizar os impactos ambientais da sua produção, a Coca Cola Brasil desenvolve uma série de ações, as quais foram intensificadas com a aprovação da Política Nacional de Resíduos Sólidos em 2010, que traz a Logística Reversa como instrumento de desenvolvimento socioeconômico e com a introdução do conceito de responsabilidade compartilhada, que prevê a participação de todos na gestão dos resíduos.

Como exemplo de ações de pré consumo, em 2011, a Coca-Cola Brasil iniciou a produção de garrafas PET, utilizando 80% de resina PET virgem e 20% reciclada em algumas embalagens. Desde 2011, a empresa compra da Tetrapak tampas diferenciadas, que ao invés de usarem matéria-prima fóssil, oriunda do petróleo, usa polietileno verde, retirado da cana-de-açúcar em sua composição.

A Coca-Cola Brasil aderiu ao movimento Rio+B, em 2016. A iniciativa, promovida pelo Sistema B, conta com a parceria da Prefeitura do Rio de Janeiro, por meio do Rio Resiliente, e com a Ellen MacArthur Foundation. Seu objetivo é engajar o setor privado na agenda de sustentabilidade da cidade, por meio dos negócios.

Por intermédio do Instituto Coca Cola Brasil, a companhia desenvolve ações junto as cooperativas e associações de catadores e atende mais de 10 mil catadores de 700 cooperativas de todo o país que participam do Coletivo Reciclagem, que promove inclusão social dos catadores a partir do empoderamento e da melhoria de suas condições de trabalho.

Visando atingir 100% da reciclagem dos resíduos gerados pela sua produção, a Coca Cola Brasil, desenvolveu um projeto de coleta seletiva com a inclusão sócio produtiva dos catadores de materiais recicláveis, em 2014, por ocasião da realização da Copa do Mundo, no Brasil. O projeto envolveu as 12 cidades sede da Copa do Mundo e o treinamento de 840 catadores, além de propiciar a melhoria da infraestrutura das cooperativas.

Em suma, o propósito do artigo foi evidenciar que é possível inserir ações de responsabilidade social e ambiental, associadas com a logística reversa e torná-las direcionadores da estratégia corporativa.

Referências

ASHLEY, P. A. Ética e responsabilidade social nos negócios. Saraiva: São Paulo, 2002.

BARBIERI, J. C.; CAJAZEIRA, J. E. R. Responsabilidade social empresarial e empresa sustentável: da teoria à prática. São Paulo: Saraiva, 2012

BARBIERI, J. C.; DIAS, M. Logística reversa como instrumento de programas de produção e consumo sustentáveis. Tecnológica. São Paulo/SP, n. 77, p. 58-69, 2002.

BRAGA JUNIOR, Sergio Silva; MERLO, Edgard Monfort; NAGAN, Marcelo Seido. Um Estudo Comparativo das Práticas de Logística Reversa no Varejo de Médio Porte. Revista da Micro e Pequena Empresa, Campo Limpo Paulista, v.3, n.1, p.64-81, 2009.

CARROL, A.B., 1979. A Three dimensional conceptual model of corporate performance. Academy of Management Review (pre-1986); Oct 1979; 4, 000004; ABI/INFORM

CARVALHO, A. P.; BARBIERI, J. C. Sustentabilidade e gestão da cadeia de suprimento: conceitos e exemplos. In: VILELA JUNIOR, A.; DEMAJOROVIC, J. Modelos e ferramentas de gestão ambiental: desafios e perspectivas para as organizações. 2ed. São Paulo: SENAC, 2010

COCA-COLA BRASIL. Disponível em < <https://www.cocacolabrasil.com.br/>> Acesso em 10 de ago 2017

DIAS, R. Gestão ambiental: responsabilidade social. São Paulo: Atlas, 2012.

LEITE, P. R. Logística reversa - meio ambiente e competitividade. 1ª. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2003.

MARTINS, Gilberto de Andrade; THEOPHILO, Carlos Renato. Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas. 2ª. Ed. – São Paulo: Atlas, 2009

MANSUR, Douglas Amparo; SILVA, Eni Leide Conceição. Esperança sobre a esteira. In: Gestão Contemporânea dos Resíduos Sólidos. Org. SILVA, Raimundo Pires. Instituto Macuco – 1ª. Edição – São Paulo, 2015

OLIVEIRA, José Antônio Puppim de. Empresas na sociedade: sustentabilidade e responsabilidade social. Rio de Janeiro: Campus, 2008.

SANTANA, D. C. C.; OLIVEIRA; D. C. de; FREITAS, F. C. de; OLIVEIRA, P. L. de; TEIXEIRA, E. S. Administrar os Negócios com Diferencial, Revista Eletrônica Gestão e Negócios, v. 1, n. 1, 2010.

SANTOS, P. M. F.; PORTO, R. B. A gestão ambiental como fonte de vantagem competitiva sustentável: contribuições da visão baseada em recursos e da teoria institucional. Revista de Ciências da Administração (CAD), v. 15, n. 35, p. 152-167, 2013.

SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE DO ESTADO DE SÃO PAULO. Resíduos Sólidos. Cadernos de Educação Ambiental, 2014.

SILVA, A. A.; LEITE, P. R. Empresas brasileiras adotam políticas de logística reversa relacionadas com o motivo de retorno e os direcionadores estratégicos?. Revista de Gestão Social e Ambiental, v. 6, n. 2, p. 79-92, 2012.

SILVA, ENI LEIDE CONCEIÇÃO. Construir e compartilhar o conhecimento: A experiência da Cooperativa de Reciclagem Unidos pelo Meio Ambiente. Tese de Doutorado, Escola Politécnica da Universidade de São Paulo - POLI-USP, 2007

YIN, R.K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 5ª. Edição. Porto Alegre: Bookman, 2015.